



Conversa com Paulo Freire¹

A Conversation with Paulo Freire

Pedro Paulo Scandiuzzi

Nota do Editor

É com imenso prazer que publicamos neste número uma entrevista feita com PAULO FREIRE em 1996. Paulo Freire mostra a combinação rara de se encontrar nos dias de hoje na academia; sabedoria e humildade. A entrevista foi realizada por Pedro Paulo Scandiuzzi², professor da UNESP, que no início do corrente ano vinculou-se ao Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática do IGCE, UNESP, Rio Claro, SP.

Pedro Paulo tem desenvolvido pesquisas na área de Etnomatemática, tem ministrado disciplinas e orientado nesta área. Para nos do BOLEMA, e uma saudável coincidência que a publicação da entrevista coincida com a integração deste professor ao Programa, já que Paulo Freire foi um dos inspiradores de diversas dissertações e teses deste Programa e, em particular, de dissertações que foram desenvolvidas na década de 80, sobre temas como Etnomatemática e Modelagem.

O leitor mais interessado pode, após saborear a conversa entre ambos, que se segue, investigar a influência de Paulo Freire em nosso Programa ou na Educação Matemática de modo geral.

Gostaríamos também de agradecer a Ana Maria de Araujo Freire, esposa de Paulo Freire, que autorizou a publicação desta entrevista³ no BOLEMA.

¹ Digitalizado por Lessandra Marcelly Sousa da Silva e Luana Oliveira Sampaio.

² SCANDIUZZI, Pedro Paulo; Professor Assistente Doutor da UNESP - São Jose do Rio Preto-SP: Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática da UNESP - Rio Claro- SP.

³ A transcrição foi revisada por Ana Maria Araujo Freire.

Esta conversa ocorreu no dia 9 de setembro de 1996, na casa de Paulo Freire. Estavam presentes Patrick Clark, padre irlandês, mestre em ciências da religião, amigo da família e tradutor para o inglês da *Pedagogia da Autonomia*, de Paulo Freire, e eu.

Depois das apresentações, avisos e bate-papos iniciais, Paulo Freire fez um breve comentário da sua obra *Cartas a Cristina*, e ofereceu um livro em língua inglesa para o Patrick. Transcreve-se, a seguir, a entrevista realizada.

Pedro Paulo: Paulo, tem muita gente fazendo alguma coisa com o seu método, no campo da matemática?

Paulo Freire: Não no método, insisto, na compreensão epistemológica, sim. Nos EUA, tem. Você já conhece uma delas, que é muito famosa por aqui, que é Marilyn Frankenstein⁴. Ela escreveu sobre a matemática da vida, um texto muito bom.

A partir desse momento, pediu-se que ele falasse um pouco das reflexões críticas que vinha realizando.

Paulo Freire. Críticas que venho desenvolvendo de como o processo se dá entre homens e mulheres. Afinal de contas, os homens e as mulheres, num determinado momento de sua experiência, longa experiência milenar e histórica, se tornaram capazes de intervir no mundo, antes mesmo de se tornarem capazes de falar, tornaram-se capazes de entender no mundo e compreender a sua agonia. Em todo o processo de compreensão do mundo, há um processo de produção e compreensão do conhecimento. Em todo o processo de produção do conhecimento, esta implícita a possibilidade de comunicar o que foi compreendido, o que você faz não só apenas com a linguagem oral, mas faz também com desenhos e com várias outras linguagens. O que você vem fazendo, no campo da matemática, é exatamente perceber como o conhecimento matemático vem sendo conduzido por eles e como e que eles se lançam para comunicar o seu conhecimento, o conhecimento que eles produzem. Eu acho que é isso. A minha convicção é a de que a gente tem que partir mesmo da compreensão de como o ser humano com quem a gente trabalha compreende. Não posso chegar a área indígena e pretender que os indígenas que estão lá compreendam o mundo como eu o compreendo com a experiência que tenho, não dá. Perguntaram-me qual era a minha experiência acadêmica, de ajuda, de compreender a compreensão dele. Não vale a minha experiência acadêmica, minha sabedoria "pifa" no momento em que eu não sou capaz de compreender a sabedoria

⁴ FRANKENSTEIN, M. Educação matemática crítica: uma aplicação da epistemologia de Paulo Freire. in: BICUDO, M. A. Educação matemática. São Paulo: Moraes, 2001.

do outro. Acho que o que você está tentando é isso.

Pedro Paulo. Muitas vezes, dentro da etnomatemática, Paulo, surgem problemas, não se conversando lá, a etnomatemática. Ela tem um programa assim, entra na área, na parte de etnografia; depois a gente descobre a parte da história da matemática, no conhecimento desses povos, depois tem a parte educacional. Quando chega a parte educacional, existem duas correntes na Academia: uma que acha que eu tenho que pegar o povo com quem estou trabalhando e apresentar o que eles têm e o que a academia tem, mostrar e depois desenvolver a parte acadêmica, se eles acharem isso bom. E existe um outro grupo que acha que não deve ser assim, deve-se ver o que eles têm e tentar ajudar a compreender o que eles têm lá. Quando eles necessitam dialogar com o branco, que não é daquele povo, muitas vezes, na parte pedagógica, e que se criam os atritos dentro da etnomatemática.

Paulo Freire. Lógico que a parte pedagógica e meio influência política e ideológica, então é impossível você discutir a parte pedagógica nessa natureza política, sem problema. Aí não dá! Eu sou muito pelo respeito a identidade cultural do outro, segundo, a identidade cultural de ninguém e opção de ninguém, quer dizer, o índio não optou por pescar flechando. O seu estágio cultural, econômico e social etc e esse, o que não significa que ele não saiba, que não possa saber de coisas que se deram fora desse estágio cultural. Então eu acho, o meu respeito da identidade cultural do outro exige de mim que eu não pretenda impor ao outro uma forma de ser de minha cultura, que tem outros cursos, mas também o meu respeito não me impõe negar ao outro a curiosidade que ele possui e o que ele quer saber mais daquilo que sua cultura propõe. Eu me sinto um pouco livre com isso. Um dia, por exemplo, foi um matemático que eu pensava que tinha sido até um biólogo. Foi meu amigo matemático de lá, que é um italiano, Sebastiani⁵. Ele me contou que estava num grupo indígena, e um jovem índio disse pra ele; “Eu vou pescar de arpão, e eu vou mostrar pra você como fazer isso”. Ele acompanhou o índio e, quando, num determinado momento, viu um peixe grande e bonito, pegou o arpão: “E agora que eu vou pescar”. Sacudiu o arpão, e o matemático disse: “Ei! Eu não entendi por que você sacudiu o arpão entre o peixe e o barco, não propriamente em cima do peixe?” O

⁵ Eduardo Sebastiani Ferreira, Professor da UNICAMP-SP. ex-professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, UNESP-RioClaro

jovem índio disse pra ele: “Isso é uma ilusão dos seus olhos”. Uma explicação linda e maravilhosa. Você veja, que, na refração, há um pouco de ilusão mesmo. Então a minha tese e a seguinte: haveria uma necessidade concreta e objetiva de explicar ao índio o que e refração, naquele momento? O que a curiosidade dele teria de respaldo material, econômico, social? Eu acho que não. É um direito que ele tem, independentemente da estrutura econômica em que ele vive; se sua infra-estrutura mudasse, essa necessidade, esse direito viraria uma necessidade. Então a educação tinha que fazer isso. Eu acho que a grande preocupação minha maior e com a ética: como é que eu respeito a cultura do outro. Mas respeitar a cultura do outro não significa manter o outro na ignorância sem necessidade, mas fazê-lo superar sua ignorância não significa ultrapassar os sistema de interesses sociais e econômicos da sua cultura. É como se houvesse gente inteligente no outro planeta, noutro lugar, noutro universo, e viesse aqui, agora, e dissesse a mim que eu devo pensar da forma absolutamente contrária aquilo que penso, pois lá já se pensa diferente. Não posso me submeter a uma coisa dessas.

Pedro Paulo. Mesmo assim, estas pessoas não poderiam te chamar de ignorante por você estar em outro contexto.

Paulo Freire. Claro! O conceito de ignorância é um conceito relativo, pois, em primeiro lugar, ninguém é absolutamente ignorante. Ninguém. Você ignora coisas e sabe coisas. O ser humano fundou-se numa coisa que a vida, independentemente do que já tinha dito cima, que é a curiosidade, e aprofundou a curiosidade. A curiosidade é a fonte fundamental do conhecimento: a curiosidade, no fundo, revela interesse e, também, usa interesses. Descobre, gera, eu acho que e assim. Pra mim é um problema sério você não a defender, você não respeitar eticamente a curiosidade das pessoas. No fundo, como educador, a gente corre riscos fundamentais: ou a gente fica com esses riscos e se funda numa falsa compreensão do respeito ao outro, quer dizer, ou você fica absolutamente adequado, adaptado aos níveis de percepção que a cultura do outro estabelece, ou você impõe níveis diferentes. Eu acho que a saída democrática e crítica não é nem uma nem outra, quer dizer, eu preciso compreender como a compreensão do outro se dá, e se na cultura chamada científica, por exemplo, você tem um caminho que dá um resultado possivelmente mais exato que o outro caminho que está sendo usado. No mínimo, você se obriga a mostrar que há, Eu sou pela defesa permanente da revelação ao educando das diferenças, que há diferenças, o que vale dizer que você não pode ficar numa perspectiva

estreita e exclusivista: só como eu penso é verdade, mas, pelo contrário, discutir as possibilidades das diferenças legítimas.

Patrick. Ou só como o outro pensa a verdade, ou seja, nem um dos dois se superpõe.

Paulo Freire. É por isso que, nessa questão epistemológica da passagem do saber do senso comum pra um saber científico, eu acho que há uma superação e não uma ruptura, Quer dizer, a curiosidade do índio que diz pro matemático não não é um equívoco, é uma ilusão dos seus olhos, a curiosidade dele é igualzinha a curiosidade de Einstein. A diferença é que, antes, Einstein rigorizou os caminhos de aproximação da objetividade, quer dizer, ele tinha nos meios científicos a metodização rigorosa que resulta em achados mais ou menos exatos, mas a curiosidade que motiva, que conduz e empurra o conhecimento é a mesma, a do índio, a minha e a tua. Então, não há uma pura curiosidade do índio e da gente; o que há é uma superação no encontro dos achados, quer dizer, pode ser que até, eticamente, a gente fique atrás, mas, do ponto de vista da compreensão da realidade e do mundo, a gente, rigorizando a busca do objeto, pode achá-lo com mais precisão, o que não significa, porém, que você invalide o achado do índio. Eu acho que há muita arrogância nossa, dos intelectuais, dos cientistas.

Patrick. Aí, quando tem essa arrogância, Paulo, será que a gente não pode dizer que, de certa forma, a curiosidade verdadeira morre ?

Paulo Freire. Acho que ela se sacrifica. A gente corre o risco de perder-se. Eu acho que a arrogância estraga tudo, o que não significa que o arrogante deixe de conhecer: ele conhece, mas ele, eticamente, sacrifica-se como gente.

Patrick. Aí o processo pedagógico em que ele está envolvido se torna, para quem está submetido a esse processo, também um peso.

Paulo Freire. Pois é! A tendência da arrogância é cair na imposição da verdade do arrogante. Isso é autoritário e não democrático. No meu entender, é isso. Isso viola determinadas qualidades que eu chamo ontológicas do ser humano. E, quando eu me refiro a ontologia, apesar da minha fundamentação cristã, pra mim a ontologia humana não é uma “priori” da história, o que vale dizer que Deus não inventou o homem antes da história do homem. O homem, no fundo, é que se inventou. Eu nunca esqueço de uma afirmação muito bonita do livro de Erich Fromm, “Tu serás Deus”, em que ele diz que fez o homem homem foi a desobediência. No momento em que o homem comeu a maçã, aí

virou homem pela primeira vez. Antes não era. Não foi exatamente a arrogância, mas foi a rebeldia.

Patrick. A curiosidade.

Paulo Freire. A curiosidade de saber o que era o risco de se rebelar contra uma determinação, é isso que faz a gente gente. No momento em que você desobedece e se rebela, você começa a criar certas qualidades que passam a incorporar-se a natureza do ser. Isso, no caso do homem e da mulher, passaram-se milênios para fazer uma característica dessa virada ontológica. Eu acho que o que eu chamo de vocação do ser mais é uma característica hoje do ser humano e que, como a violência, é uma transgressão disto. Por isso é que digo, na *Pedagogia do oprimido*: a vocação é para o ser mais, o ser menos é distorção da vocação, quer dizer que, no fundo, a negação do ser humano não se institui como vocação. Quer dizer, isso do ponto de vista teológico é um pecado, o pecado é isso.

Patrick. A negação do ser.

Paulo Freire. Do caminho do natural também.

Patrick. O caminho de ser mais. A gente também comete violência não só com revólver, mas pela prepotência de todas as formas.

Paulo Freire. Há olhares que fuzilam, que obstruem o outro; palavras que tem a intenção de matar o outro, matam pior do que a bala, porque a bala mata mesmo; o outro fica morto em vida. Mas eu acho que, se certos acadêmicos tivessem uma convivência mínima com o povo, talvez diminuísse um pouco sua arrogância.

Pedro Paulo. Então, Paulo, tenho 23 anos de convivência com o povo, sempre estive na periferia do povo brasileiro. Eu lecionava em uma escola do Estado e morava em bairro da periferia. Agora, o Sebastiani achou que seria bom eu tentar o mestrado, porque eu não pensava em estudar mais, eu pensava em apenas beber desse conhecimento que o nosso povo tem. Aí, trabalhando na área indígena, com essas descobertas do sistema de numeração, da parte geométrica, de medida, eu voltei muito entusiasmado da área. Aí ele me incentivou muito pra tentar a universidade. Estou lá, entrei esse ano, eles me dão muitos textos pra ler, muitos que não tem nada a ver com a área em que estou trabalhando e com a minha pesquisa. O curso que eu faço é um curso em que eles me obrigam a fazer, e não me dão opção de escolha de disciplinas, e uma delas que eu faço é pra estudar o conhecimento humano e, durante a aula, o professor estava dizendo que só esse

conhecimento que sofre o rigor do método que é elaborado e que se diz conhecimento. Eu perguntei pra ele: mas o conhecimento do índio não tem esse rigor que você está dizendo, porque eles não sabem a escrita. Mas como posso dizer que não tem rigor, quando eles conversam todos os dias sobre os acontecimentos e estão se socializando?

Paulo Freire. E sobrevivem.

Pedro Paulo. Sim, com o mínimo, são muito alegres. Na região em que eu estou, eles são muito bonitos e muito alegres, não tem raiva um do outro, não tem atritos, nunca; se um discorda do outro, entra um terceiro e, em questão de segundos, vira brincadeira e acaba-se a raiva. Que escola ensina isso? Eu perguntei pro meu professor: Quem te falou que nos éramos da educação? Um conhecimento que faz tantos anos que vem sendo elaborado e socializado, porem não escrito, mas vivenciado. Como você pode dizer que não é um conhecimento que tem tanto rigor quanto o seu?

Paulo Freire. O que ele disse?

Pedro Paulo. Ele disse: "Quero ver você provar, na tua dissertação, que esse conhecimento é válido". Essa foi a resposta.

Paulo Freire. Olha, eu tenho um grande amigo, que agora, há um mês e meio, passou por humilhação. Ele, nos anos 60, quando era meninote, meteu-se com movimentos populares, com o povo e favelas. Fez uma tese de mestrado ha 10 anos atrás, muito boa, estudando essas implicações, e depois fez um estudo comparativo com o México e Brasil, em que ele analisou a contribuição que os movimentos populares deram ao Brasil e ao México, com relação a um saber da mudança da transformação do mundo. Veio a tese dele, de doutoramento, e, num dia, foi esmagado: um dos professores espumava de raiva e dizia com mais força, da mesma força desse seu professor. Disse: "Só há um lugar para a *epistême*, é a ciência. O senhor desrespeitou a Academia querendo provar que isso é conhecimento".

Pedro Paulo. Eu gostei de saber isso, Paulo!

Paulo Freire. Então, é preciso ter, na sua banca também, apesar de que as pessoas da matemática de lá [da UNICAMP] não pensam assim, Veja que coisa: o professor exigiu que ele voltasse pra casa e três meses depois rerepresentasse da tese. Depois o professor disse: "Por exemplo, isso que o senhor tem ai seria um excepcional livro, mas uma tese acadêmica, não!". Então, como pode ser bom livro, excepcional, mas não ser uma tese? Obrigaram o rapaz a reescrever e a diminuir o texto pra 200 páginas. E

reescrever pra mostrar que só há *epistème* na ciência. No fundo, quer dizer que, lamentavelmente, isso é uma tese de Bachelard, grande epistemologista francês, filósofo, poeta. Gaston diz claramente que a passagem de um nível pro outro é radicalmente fundada na ontologia, acho que isso e superação. E, precisamente porque o nosso lado e o lado do poder, a superação se dá em favor de nós: se o lado do poder estivesse no dos índios, a superação seria deles, mas como eles não tem poder de mandar em nós, nos dizemos que superamos em favor de nós. O nosso tem melhor consistência. Eu acho que você precisa conversar essas coisas particularmente com o Sebastiani, pra você não passar pela decepção amarga, no dia de defesa de sua tese.

Pedro Paulo. Eu tenho a impressão de que, na minha qualificação, não vou ter esse problema, porque eu não vou chamar essas pessoas. Não vale a pena porque elas não entendem: talvez fiquem só na Academia, nunca vivenciaram a prática de nada. Está difícil fazer as disciplinas e ficar o tempo todo vendo isso. Mas o Sebastiani vai estar lendo comigo os textos que eu vou elaborar e vai me ajudar nesse ponto. O meu orientador e o Joni⁶, e quem está acompanhando também a leitura e o Ubiratan⁷.

Paulo Freire. Ah! Sim! O Joni, Ubiratan, Sebastiani, depois os físicos, por exemplo, o Marcio Campos, antropólogo. Os próprios físicos o chamavam de sociólogo da física. Hoje, ele está no campo da antropologia. Na semana passada, a gente conversou aqui sobre isso. Ele está discordando sobre a ruptura. Há superação, claro, é muita arrogância nossa. Mas eu agora estou terminando um livro⁸ onde eu ligo a curiosidade dos camponeses com quem dialoguei esses anos todos: é igualzinha a do filósofo da academia.

Pedro Paulo. É? Que bom! Precisa ser publicado logo pra poder citar.

Paulo Freire. Sai ainda esse ano.

⁶ João Frederico C. A. Meyer, Professor da UNICAMP.

⁷ Ubiratan D'Ambrosio. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, UNESP-RC.

⁸ Paulo Freire referia-se ao seu livro *Pedagogia da autonomia*. (Nota de Ana Maria A Freire).